

SAM HARRIS

O FIM DA FÉ

RELIGIÃO, TERRORISMO
E O FUTURO DA RAZÃO

Tradução de Pedro Serras Pereira

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMVII

Índice

I. O EXÍLIO DA RAZÃO	II
O Mito da «Moderação» Religiosa	18
A Sombra do Passado	25
O Fardo do Paraíso	28
Extremismo Islâmico	32
A Morte: Fonte de Todas as Ilusões	39
O Mundo para Lá da Razão	42
Aceitar a Crença	47
Tomar Juízo	50
2. A NATUREZA DA CRENÇA	53
Crenças enquanto Princípios De Acção	56
A Necessidade de Coerência Lógica	58
A Embaixada Americana	60
As Crenças como Representações do Mundo	63
Uma Questão de Verdade E Falsidade	65
Fé e Evidência Empírica	66
Fé e Loucura	77
Em Que Devemos Acreditar?	79
3. À SOMBRA DE DEUS	87
Bruxas e Judeus	96
O Holocausto	109
4. O PROBLEMA COM O ISLÃO	117
Uma Franja Sem Centro	121
A <i>Jihad</i> e o Poder do Átomo	139
O Choque	141

O Mistério da «Humilhação» Muçulmana	143
O Perigo de Confundir o Desejo com a Realidade	145
A Irracionalidade da Esquerda e o Estranho Caso	150
De Noam Chomsky	150
Armas Perfeitas e a Ética dos «Danos Colaterais»	154
Um Desperdício de Recursos Preciosos	159
Que Podemos Fazer?	162
5. A OESTE DO PARAÍSO	167
O Eterno Legislador	170
A Guerra ao Pecado	174
O Deus da Medicina	181
6. UMA CIÊNCIA DO BEM E DO MAL	187
Ética E Ciências Da Mente	192
Comunidades Morais	195
O Demónio do Relativismo	197
Intuição	202
Ética, Identidade Moral e Interesse Próprio	204
Moralidade e Felicidade	210
Um Expediente para Torquemada?	212
A Falsa Opção do Pacifismo	219
7. EXPERIÊNCIAS COM A CONSCIÊNCIA	225
A Procura da Felicidade	228
Consciência	230
O Que É Isso a Que Chamamos «Eu»?	233
A Sabedoria do Oriente	238
Meditação	240
EPÍLOGO	247
POSFÁCIO	255
NOTAS	267
BIBLIOGRAFIA	321
AGRADECIMENTOS	343
ÍNDICE REMISSIVO	344

CAPÍTULO I

O Exílio da Razão

Um jovem entra no autocarro quando este se prepara para abandonar a paragem. Traz um sobretudo vestido. Debaixo do sobretudo, leva uma bomba. Os seus bolsos estão cheios de pregos, rolamentos de esferas e veneno para ratos.

O autocarro está apinhado de gente e segue para o centro da cidade. O jovem senta-se ao lado de um casal de meia-idade. Irá esperar pela próxima paragem. O casal ao seu lado parece andar à procura de um frigorífico novo. A mulher já escolheu um modelo, mas o marido acha que deve ser demasiado caro. Indica um outro num catálogo que ela tem aberto sobre o colo. A paragem surge ao fundo da rua. As portas do autocarro abrem-se. A mulher adverte o marido para o facto de o modelo escolhido por ele não caber no espaço por baixo dos armários. Entretanto, novos passageiros ocuparam os últimos lugares vagos e começam agora a aglomerar-se ao longo do corredor. O autocarro está cheio. O jovem sorri. Com o simples premir de um botão, destrói-se a si próprio, ao casal do lado e a mais vinte pessoas dentro do autocarro. Os pregos, os rolamentos e o veneno para ratos asseguram outras mortes na rua e nos carros circundantes. Tudo correu conforme planeado.

Os pais do jovem não tardam a receber a notícia do destino do seu filho. Apesar da tristeza de terem perdido um filho, sentem-se tremendamente orgulhosos do seu feito. Sabem que ele foi para o Céu e que está a preparar o caminho para eles. Além disso, enviou as suas vítimas para o Inferno, onde arderão eternamente. É uma dupla vitória. Os vizinhos consideram o acontecimento um grande motivo de celebração e homenageiam os pais do jovem oferecendo-lhes comida e dinheiro.

Estes são os factos. É tudo o que sabemos ao certo sobre o jovem. Haverá mais alguma coisa que possamos inferir a partir do seu comportamento? Seria popular na escola? Seria rico ou pobre? Seria muito ou pouco inteligente? As suas acções não nos deixam qualquer pista. Teria formação universitária? Teria um futuro brilhante como engenheiro mecânico? Sobre estas questões, e em centenas de outras, o seu comportamento é simplesmente omisso¹. Porque será, então, que é tão fácil, tão trivialmente fácil — tão fácil que quase poderíamos apostar a nossa própria vida — adivinhar a religião deste jovem?²

*

Uma crença é uma alavanca que, uma vez puxada, faz mover quase tudo na vida de uma pessoa. Será o leitor um cientista? Um liberal? Um racista? Estes são apenas alguns tipos de crenças em acção. São elas que definem a nossa visão do mundo; ditam o nosso comportamento; determinam as nossas reacções emocionais aos outros seres humanos. Se tem dúvidas, imagine como a sua experiência se alteraria caso acreditasse numa das proposições que se seguem:

1. Tem apenas duas semanas de vida.
2. Acabou de ganhar um bilhete de lotaria de cem milhões de dólares.
3. Foi-lhe implantado um receptor no crânio, através do qual os seus pensamentos são manipulados por extraterrestres.

São meramente palavras — até ao dia em que acreditarmos nelas. A partir daí, tornam-se parte constitutiva do nosso aparelho psíquico, determinando os nossos desejos, medos, expectativas e comportamento subsequente.

No entanto, parece existir um problema com algumas das nossas crenças mais íntimas sobre o mundo: elas parecem fazer com que, inexoravelmente, nos matemos uns aos outros. Um simples relance pela história ou pelas páginas de um jornal mostra-nos que as ideias que dividem os seres humanos em diferentes grupos, unindo-os apenas na carnificina, radicam normalmente na religião. Se a nossa espé-

cie alguma vez se auto-aniquilar pela guerra, não será, aparentemente, por estar escrito nas estrelas, mas sim nos nossos livros. Aquilo que hoje fizermos com palavras como «Deus», «Paraíso» e «pecado» irá determinar o nosso futuro.

A situação em que nos encontramos é esta: a maioria das pessoas do mundo está convencida de que o criador do universo escreveu um livro. Ora, por azar, há muitos desses livros à mão de semear, cada qual reivindicando exclusivamente para si o dom da infalibilidade. As pessoas tendem a organizar-se em facções tendo por base a aceitação dessa presunção, incompatível com todas as outras — e não em função da língua, da cor da pele, do local de nascimento ou de qualquer outro critério tribal. Cada um destes livros insta os seus leitores a adoptar um conjunto de crenças e práticas, algumas das quais benignas, outras não. Mas todas convergem, perversamente, num ponto de importância crucial: o «respeito» pelas outras religiões, ou pelos pontos de vista dos não crentes, não é uma atitude defendida por Deus. Embora todas as religiões tenham sido inspiradas, aqui e ali, pelo espírito ecuménico, qualquer tradição religiosa tem como elemento central a ideia de que todas as outras são meros equívocos ou, na melhor das hipóteses, perigosamente incompletas. A intolerância está assim na essência de todas as crenças. Quando uma pessoa realmente acredita que determinadas ideias podem conduzir à felicidade eterna, ou o contrário, é incapaz de aceitar a possibilidade de as pessoas que ama poderem ser desencaminhadas pelas blandícias dos não crentes. A certeza quanto à próxima vida é simplesmente incompatível com a tolerância nesta outra.

Este tipo de observações levanta-nos, desde logo, um problema, já que criticar a fé de uma pessoa é actualmente um tabu na nossa cultura. Nesta matéria, liberais e conservadores chegaram a um raro consenso: as crenças religiosas estão claramente para além do horizonte do discurso racional. Criticar as ideias de uma pessoa sobre Deus e sobre a vida depois da morte é considerado politicamente incorrecto, o mesmo não acontecendo quando as suas ideias sobre física ou história são atacadas. E tanto assim é que, quando um bom-bista suicida se faz explodir juntamente com um sem-número de inocentes numa rua de Jerusalém, o papel que a fé desempenhou nas suas acções, invariavelmente, não é tomado em linha de conta. Os seus

sujeitá-las depois a uma crítica consistente. Qual das nossas práticas actuais se afigurará mais ridícula do ponto de vista das gerações futuras que sobreviverão à loucura do presente? É difícil imaginar que as nossas preocupações religiosas não surjam no topo da lista²⁶. Muito possivelmente, os nossos descendentes irão recordar-nos com gratidão. Mas devemos também esperar que nos recordem com piedade e repugnância, tal como hoje recordamos os escravagistas do passado recente. Em vez de nos congratularmos pelo estado da nossa civilização, talvez devêssemos pensar que, com o passar do tempo, pareceremos irremediavelmente retrógrados, e trabalhar para lançar agora os fundamentos de tais progressos. Temos de encontrar o caminho para um tempo em que a fé, sem a verificação dos factos, desacredite as pessoas que dela se reclamam. Dado o estado actual em que se encontra o mundo, parece não haver outro futuro melhor para desejar.

É urgente começar a falar abertamente sobre o carácter absurdo da maioria das nossas crenças religiosas. Temo, no entanto, que esse tempo ainda não tenha chegado. Neste sentido, as páginas que se seguem foram escritas num espírito em tudo idêntico ao de uma oração. Rezo para que um dia possamos pensar sobre estes assuntos de modo suficientemente claro para impedir que os nossos filhos se matem por causa dos seus livros. Se não forem os nossos filhos, receio que possa ser demasiado tarde, pois se é verdade que nunca foi difícil chegarmos ao nosso criador, tudo leva a crer que daqui a cinquenta anos será muito fácil arrebanhar toda a gente para ir ao seu encontro²⁷.

CAPÍTULO 2

A Natureza da Crença

É frequente ouvirmos argumentar que as crenças religiosas são diferentes de outras formas de conhecimento sobre o mundo. É indiscutível que lidamos com elas de modo distinto — em particular no que se refere ao grau com que exigimos, no discurso normal, que as pessoas justifiquem as suas convicções —, mas isto não implica que as crenças religiosas devam beneficiar de um qualquer privilégio. O que queremos dizer quando afirmamos que uma pessoa *acredita* numa dada proposição sobre o mundo? Tal como em todas as questões respeitantes a fenómenos mentais vulgares, devemos evitar que a familiaridade dos nossos conceitos nos induza em erro. O facto de termos uma palavra para «crença» não garante que o acto de acreditar seja, em si mesmo, um fenómeno unitário. Poder-se-á estabelecer aqui uma analogia com o funcionamento da memória: embora as pessoas se refiram habitualmente às suas falhas de «memória», sabe-se hoje, após décadas de experiências científicas, que a memória humana assume diferentes configurações. Não só as nossas memórias de *curto prazo* e de *longo prazo* procedem de circuitos neuronais distintos e dissemelhantes, como se encontram divididas em múltiplos subsistemas¹. Falar simplesmente de «memória» é, por conseguinte, um pouco como falar de «experiência». Claro que devemos ser mais precisos quanto ao significado dos nossos conceitos relativos aos processos mentais antes de tentarmos compreendê-los ao nível do cérebro².

É possível que mesmo os cães e os gatos, na medida em que formam associações entre pessoas, lugares e acontecimentos, «acreditem» em muitas coisas acerca do mundo. Mas não é este tipo de crença que aqui nos interessa. Quando falamos das convicções que as pessoas subscrevem conscientemente — «a casa está infestada de formigas»,

«o Tofu não é uma sobremesa», «Maomé ascendeu ao Céu num cavalo alado» — referimo-nos a crenças que são comunicadas, e adquiridas, linguisticamente. Acreditar numa dada proposição é uma questão de aceitar que ela representa fielmente um qualquer estado do mundo, o que nos fornece alguns critérios imediatos sobre os padrões a partir dos quais as nossas crenças estão organizadas³. Revela, em particular, por que razão devemos valorizar a prova empírica e exigir que as proposições acerca do mundo sejam coerentes em termos lógicos. Estes constrangimentos aplicam-se, de igual modo, às questões religiosas. A «liberdade de credo» (em todos os sentidos, excepto o legal) é um mito. Veremos que somos tão livres de acreditar naquilo que quisermos sobre Deus como de adoptar crenças infundadas sobre a ciência e a história, ou de *atribuir significado* àquilo que bem entendermos por recurso a palavras como «veneno», «norte» ou «zero». Quem pretender reivindicar-se de tais denominações não deverá ficar surpreendido por os outros simplesmente deixarem de lhe dar ouvidos.

CRENÇAS ENQUANTO PRINCÍPIOS DE ACÇÃO

O cérebro humano é um autor prolífico de crenças sobre o mundo. De facto, a própria *humanidade* do cérebro consiste, em grande medida, na sua capacidade para avaliar novas afirmações de verdade proposicional à luz de inúmeras outras já aceites. Recorrendo a intuições de verdade e falsidade, de necessidade lógica e de contradição, os seres humanos são capazes de entretecer as suas visões privadas do mundo num todo coerente. Que acontecimentos neuronais estão na base desse processo? O que é que o cérebro precisa fazer para acreditar que uma dada declaração é *verdadeira* ou *falsa*? Actualmente, não fazemos a menor ideia. O processamento da linguagem deverá desempenhar um papel importante, claro está, mas o desafio passa por descobrir a forma como o cérebro distribui os produtos da percepção, da memória e do raciocínio pelas proposições individuais e as transforma, como por magia, na substância mesma das nossas vidas.

É provável que tenha sido a capacidade de movimento, de que certos organismos primitivos gozavam, a conduzir a evolução das

nossas faculdades sensoriais e cognitivas. Isto porque, se nenhuma criatura pudesse fazer nada com a informação adquirida sobre o mundo, a natureza não poderia ter levado a cabo melhoramentos nas estruturas físicas que reúnem, armazenam e processam informação. Mesmo um sentido tão primitivo como a visão parece pressupor, assim, a existência de um sistema motor. Se não pudermos apanhar alimentos, impedir que nos transformemos nós próprios em alimentos ou afastarmo-nos de um precipício, parece não haver grande razão para olhar o mundo — e de certo que os aperfeiçoamentos da visão, do género daqueles que se encontram por toda a parte no reino animal, nunca teriam acontecido.

Por esta razão, parece incontestável que todos os estados cognitivos de ordem superior (de que as crenças são um exemplo) são de certa maneira fruto da nossa capacidade para agir. As crenças são *princípios de acção*: independentemente do que possam ser ao nível do cérebro, são processos através dos quais o nosso entendimento (e *desentendimento*) do mundo é representado e validado para orientar o nosso comportamento⁴.

*

O poder que as crenças possuem sobre as nossas vidas emocionais parece ser absoluto. Para cada uma das emoções que o leitor é capaz de sentir, existe seguramente uma crença susceptível de a invocar numa questão de segundos. Considere a seguinte proposição:

A sua filha está a ser lentamente torturada numa prisão inglesa.

O que é que se interpõe entre nós e o pânico completo que uma tal proposição despertaria na mente e no corpo de uma pessoa que nela acreditasse? Talvez o leitor não tenha uma filha, ou saiba que ela está tranquilamente em casa, ou prefira pensar que os carcereiros ingleses são conhecidos pela sua correcção. Qualquer que seja a razão, as portas da crença ainda não se abriram.

O elo entre crença e comportamento sobe consideravelmente a parada. Algumas proposições são tão perigosas que pode até

CAPÍTULO 3
À Sombra de Deus

Sem qualquer aviso, o leitor é detido e levado perante um juiz. Foi você que criou uma tempestade e destruiu as colheitas da cidade? Foi você que matou o seu vizinho com mau-olhado? Acaso duvida que Cristo esteja corporeamente presente na eucaristia? Em breve saberá que este tipo de perguntas não admite qualquer resposta exculpatória.

Ninguém lhe diz os nomes dos seus acusadores. As identidades deles, todavia, pouco importam, pois mesmo que contrariassem as acusações contra si, seriam simplesmente punidos como falsas testemunhas, ao passo que as suas acusações originais conservariam o seu peso como prova da sua culpa. O mecanismo da justiça foi tão bem oleado pela fé que já não pode ser minimamente influenciado.

Mas resta-lhe ainda uma alternativa: pode admitir a sua culpa e identificar os seus cúmplices. Sim, não pode deixar de ter tido cúmplices. Nenhuma confissão será aceite sem que haja outros homens e mulheres que possam ser implicados nos seus crimes. Talvez você e três conhecidos à sua escolha se tenham efectivamente transformado em lebres e conferenciado com o próprio Diabo. Ver as botas de ferro concebidas para lhe esmagar os pés parece refrescar-lhe a memória. Sim, Friedrich, Arthur e Otto também são feiticeiros. As suas mulheres? Todas elas bruxas.

Enfrenta agora um castigo proporcional à gravidade dos seus crimes: flagelação, uma peregrinação à Terra Santa, renúncia às suas propriedades ou, muito provavelmente, um longo período de encarceramento, quem sabe para o resto da vida. Os seus «cúmplices» não tardarão a ser arrastados para a tortura.

Ou poderá insistir na sua inocência, talvez verdadeira (afinal, não há muitas pessoas capazes de criar uma tempestade). Em resposta,

os seus carcereiros ficarão encantados por poderem conduzi-lo aos limites mais extremos do sofrimento humano, antes de o queimarem na fogueira. Poderá ser encarcerado numa escuridão total durante meses ou anos a fio, repetidamente espancado e obrigado a passar fome, ou estirado no banco da tortura. Poderão ser-lhe aplicados parafusos nos polegares das mãos ou dos pés, ou uma espécie de torno em forma de pêra poderá ser introduzido na sua boca, vagina ou ânus, que serão abertos à força até não aguentar mais a dor. Poderá ser suspenso do tecto num *strappado* (com os braços atados atrás das costas e amarrados a uma roldana, e pesos atados aos pés), que lhe deslocará os ombros. A este tormento poderá acrescentar-se a *squassation*, que, sendo amiúde suficiente para causar a morte da vítima, poderá ainda reservar-lhe a agonia da fogueira¹. Se tiver a infelicidade de se encontrar em Espanha, onde a tortura judicial atingiu um nível de crueldade inimaginável, poderá ser colocado na «cadeira espanhola»: um trono em aço, munido de barras de ferro para fixar os membros e o pescoço. No intuito de salvar a sua alma, será colocado um braseiro de carvão por debaixo dos seus pés nus, tostando-os lentamente. Como a mácula da heresia é muito profunda, a sua carne será continuamente untada de gordura para a impedir de arder demasiado rápido. Ou então será preso a um banco, com um caldeirão cheio de ratos colocado de pernas para o ar sobre o seu abdómen. Mediante a aplicação de uma fonte de calor ao ferro, os ratos começarão a esgravatar a sua barriga em busca de uma saída².

Se porventura, nestas condições extremas, admitir aos seus algozes que é efectivamente um herético, um feiticeiro ou uma bruxa, será obrigado a confirmar a sua história perante um juiz — e qualquer tentativa de a desmentir, reclamando que a sua confissão foi obtida sob tortura, será seguida de uma de duas opções: ou será devolvido aos seus torturadores ou enviado directamente para a fogueira. Se, uma vez condenado, se arrepender dos seus pecados, estes homens compassivos e instruídos — cuja preocupação com o destino da sua alma eterna parece realmente não ter limites — farão a gentileza de o estrangular antes de atear a fogueira³.

*

A Igreja medieval não tardou a observar que o Grande Livro era generoso o suficiente para sugerir uma variedade de meios para erradicar a heresia, desde um banal apedrejamento à cremação em carne viva⁴. Uma leitura literal do Antigo Testamento não só autoriza, como *exige* mesmo que os heréticos sejam mortos. Na realidade, nunca foi difícil encontrar uma multidão disposta a desempenhar este santo ofício, e a fazê-lo de forma pura sob a autoridade da Igreja — visto que continuava a ser um crime da maior gravidade possuir uma *Bíblia* em qualquer língua vernácula da Europa⁵. Com efeito, só no século XVI as escrituras viriam a tornar-se acessíveis ao comum dos mortais. Como referimos antes, o Deuteronomio era o texto principal do cânone de qualquer inquisidor, pois ordenava explicitamente aos fiéis que matassem qualquer pessoa, incluindo membros da sua própria família, que professassem simpatia por deuses estrangeiros. Revelando um génio totalitário que poucos mortais levaram plenamente à prática, o autor deste documento exige ainda que as pessoas demasiado susceptíveis para tomar parte nas chacinas religiosas devem, também elas, ser mortas (Deuteronomio 17:12-13)⁶. Quem imaginar que nada na *Bíblia* justifica a Inquisição terá apenas de a consultar para clarificar a sua visão do problema:

Quando ouvires dizer numa das tuas cidades que o SENHOR, teu Deus, te deu para habitação, que homens perversos, nascidos no meio de vós, desencaminham os habitantes das suas cidades, dizendo: «Vamos servir os deuses estrangeiros» — deuses que vós não conheceis — farás um inquérito, averiguarás e informar-te-ás bem. Se for verdade que essa abominação foi cometida no meio de vós, passarás ao fio da espada os habitantes dessa cidade. Votarás à destruição essa cidade com tudo o que nela houver, incluindo o gado. Reunirás em seguida no centro da praça todas as riquezas e queimá-las-ás juntamente com a cidade e todos os seus bens, sem excluir nada, em honra do SENHOR, teu Deus. Ficará para sempre em ruínas e não voltará a ser reconstruída. (Deuteronomio 13:13-17)

Por razões óbvias, a Igreja tendia a ignorar o édito final: a destruição da propriedade herética.

Epílogo

O meu objectivo ao escrever este livro foi ajudar a fechar as portas a um certo tipo de irracionalidade. Apesar de ser a única espécie de ignorância humana que não admite sequer a possibilidade de correcção, a fé religiosa continua a ser protegida da crítica em todas as esferas da nossa cultura. Negligenciando todas as fontes de informação válidas acerca deste mundo (quer espirituais, quer mundanas), as nossas religiões apreenderam tabus antigos e fantasias pré-científicas como se estes encerrassem uma relevância metafísica sempre actual. Livros com um estreitíssimo espectro de compreensão política, moral, científica e espiritual — livros que, pela sua própria antiguidade, nos oferecem a mais inconsistente das sabedorias no que toca ao presente — continuam a ser-nos dogmaticamente impostos como se fossem a última palavra em assuntos da maior importância. Na melhor das hipóteses, a fé religiosa deixa as pessoas, mesmo as bem-intencionadas, incapazes de pensar racionalmente sobre muitas das suas preocupações mais profundas; na pior, é uma fonte contínua de violência entre os seres humanos. Mesmo agora, muitos de nós são motivados não pelo que sabem, mas sim pelo que se contentam apenas em imaginar. Muitos continuam ansiosos por sacrificar a felicidade, a compaixão e a justiça neste mundo em nome de uma fantasia de um mundo que está por vir. São estas e outras as indignidades que nos esperam ao longo do caminho mais do que repisado da devoção. Seja qual for a consequência das nossas divergências religiosas numa próxima vida, o certo é que todas terminam da mesma maneira nesta outra — num futuro de ignorância e chacina.

Vivemos em sociedades que ainda hoje se encontram constrangidas por leis religiosas e ameaçadas pela violência religiosa. O que é

que se passa connosco, e em particular com o discurso que mantemos uns com os outros, para que estas extraordinárias excrescências de maldade permaneçam à solta no mundo? Vimos já que a educação e a riqueza não podem garantir, por si só, a racionalidade. Na verdade, mesmo no Ocidente, homens e mulheres educados continuam agarrados às relíquias ensanguentadas do passado. Para mitigar este problema não basta conter uma minoria de extremistas religiosos; é preciso encontrar outras abordagens da ética e da experiência espiritual que não façam qualquer apelo à fé, e difundir este conhecimento por todos.

Claro que este problema é, previsivelmente, um caso perdido. O que poderia levar milhares de milhões de seres humanos a reconsiderar as suas convicções religiosas? Seria com certeza possível efectuarmos uma revolução completa no nosso pensamento no espaço de uma única geração: bastaria que os pais e os professores dessem respostas honestas às perguntas das crianças. As nossas dúvidas quanto à exequibilidade de um tal projecto deveriam ser temperadas pela compreensão da sua necessidade, pois nada nos diz que conseguiremos sobreviver indefinidamente às divergências religiosas.

Imagine-se o que seria se os nossos descendentes tivessem de assistir à queda da civilização. Imaginem-se falhas de razão tão completas que levassem as nossas maiores bombas a cair sobre as nossas maiores cidades em nome das nossas diferenças religiosas. O que pensariam os infelizes sobreviventes desse holocausto quando olhassem para trás, para o tortuoso percurso da estupidez humana que os levou até ao precipício? Uma visão do fim do mundo revelaria decerto que os seis mil milhões de seres humanos actualmente vivos muito teriam contribuído para preparar o caminho para o Apocalipse.

*

Este mundo está simplesmente inflamado de más ideias. Ainda há lugares onde as pessoas são executadas por crimes imaginários — como a blasfémia — e onde toda a educação de uma criança consiste em aprender a recitar a partir de um livro antigo de ficção científica.

Existem países onde as mulheres são privadas de quase todas as liberdades humanas, excepto a procriação. E, no entanto, essas mesmas sociedades têm adquirido a grande velocidade arsenais de armamento avançado verdadeiramente aterradores. Se não conseguirmos persuadir o mundo desenvolvido, e o mundo muçulmano em particular, a perseguir fins que sejam compatíveis com a civilização global, então espera-nos um futuro negro.

A disputa entre as nossas religiões é totalmente estéril. Se a violência religiosa continua a reinar entre nós é porque as nossas religiões são intrinsecamente hostis umas às outras. Quando não parecem sê-lo, é porque o conhecimento secular e os interesses seculares estão a restringir os desvarios mais perigosos da fé. Está na altura de reconhecermos que não existe nenhum fundamento real nos cânones do Cristianismo, do Islamismo, do Judaísmo, ou de quaisquer outras religiões que apontem para a tolerância e para a diversidade religiosas.

Se a guerra religiosa alguma vez se tornar algo de impensável para nós, à semelhança do que parece estar a acontecer com o canibalismo e a escravatura, veremos que isso será apenas uma questão de renunciarmos ao dogma da fé. Se o nosso tribalismo alguma vez der lugar a uma identidade moral generalizada, as nossas crenças religiosas não poderão continuar a ser protegidas dos grandes movimentos da indagação e da crítica genuínas. É chegado o momento de admitirmos que a presunção de conhecermos aquilo de que só temos uma esperança devota é uma atitude maligna. Onde quer que seja que a convicção aumente na razão inversa da sua própria justificação, teremos perdido a base mesma da cooperação entre os homens. Se tivermos razões para acreditar naquilo em que acreditamos, não precisamos da fé; se não tivermos essas razões, teremos perdido a nossa conexão com o mundo e uns com os outros. O lugar das pessoas que mantêm convicções fortes sem fundamento é nas margens das nossas sociedades, não nos corredores do poder. A única coisa que devemos respeitar na fé de uma pessoa é o seu desejo de uma vida melhor neste mundo; jamais precisaremos de respeitar a sua certeza de vir a tê-la num outro.

Nada é mais sagrado do que os factos. Ninguém, portanto, deve marcar quaisquer pontos no nosso discurso por se iludir a si mesmo. O teste de tornassol para a racionalidade deveria ser óbvio: quem quer

que queira saber como o mundo é, seja em termos físicos ou espirituais, terá de estar aberto a novas provas. É reconfortante saber que as pessoas tendem a conformar-se a este princípio sempre que a tal são obrigadas. O que será sempre um problema para a religião. As mãos que irão abalar a fé serão as mesmas mãos que a suportam. Ainda ninguém determinou o que significa ser-se humano, pois todas as facetas da nossa cultura — e mesmo da nossa biologia — permanecem abertas à inovação e à análise. Não sabemos o que seremos daqui a mil anos — nem mesmo se seremos alguma coisa, dado o carácter mortalmente absurdo de algumas das nossas crenças — mas quaisquer que sejam as mudanças que nos esperam, uma coisa parece pouco susceptível de mudar: enquanto a experiência subsistir, a diferença entre a felicidade e o sofrimento continuará a ser a nossa principal preocupação. Não deixaremos, portanto, de querer compreender os processos — bioquímicos, comportamentais, éticos, políticos, económicos e espirituais — responsáveis por esta diferença. Ainda não alcançámos nada que se pareça com uma compreensão acabada desses processos, mas já sabemos o suficiente para excluir muitas falsas noções. Com efeito, já sabemos o suficiente neste momento para poder dizer que o Deus de Abraão não é apenas indigno da imensidão da criação; é indigno do próprio Homem.

Não sabemos o que nos espera depois da morte, mas sabemos que iremos morrer. É evidente que tem de ser possível viver eticamente — com uma preocupação genuína com a felicidade de outros seres sensíveis — sem presumirmos que sabemos coisas acerca das quais somos manifestamente ignorantes. Pense bem: todas as pessoas que conhecemos, todas as pessoas com quem se cruzar hoje na rua, irão morrer. Vivendo o suficiente, todas sofrerão a perda de amigos e familiares. Todas acabarão por perder tudo o têm de mais querido neste mundo. Por que é que alguém haveria de querer deixar de ser simpático para com eles neste meio-tempo?

Estamos todos vinculados uns aos outros. O facto de as nossas intuições éticas deverem, de alguma forma, acompanhar de perto a nossa biologia não torna as verdades éticas redutíveis às verdades biológicas. Somos nós os juízes finais daquilo que é bom, tal como continuamos a ser os juízes finais daquilo que é lógico. E o diálogo

que mantemos uns com os outros sobre isto, ainda não está encerrado em nenhuma destas frentes. Não precisamos de esquemas de castigos e recompensas no Além para justificar as nossas intuições morais ou para as tornar eficazes na orientação do nosso comportamento no mundo. Os únicos anjos que precisamos de invocar são os da nossa melhor natureza: a razão, a honestidade e o amor. Os únicos demónios que precisamos de temer são aqueles que se escondem dentro de todos os espíritos humanos: ignorância, ódio, ganância e fé, que é seguramente a obra-prima do diabo.

O ser humano *não é* manifestamente a medida de todas as coisas. O nosso universo está impregnado de mistérios. O próprio facto de ele existir, assim como nós próprios, é um absoluto mistério, e o único milagre digno desse nome. A consciência que nos anima é ela própria central neste mistério; é o terreno para qualquer experiência a que queiramos chamar «espiritual». Não precisamos de abraçar nenhum mito para comungarmos com a profundidade da nossa circunstância. Não temos de adorar nenhum deus para podermos viver com assombro face à beleza e à imensidão da criação. Não temos de recitar quaisquer ficções tribais para percebermos, um belo dia, que de facto nutrimos um real sentimento de amor pelos nossos vizinhos, que a nossa felicidade é inextricável da sua, e que a nossa interdependência exige que todas as pessoas tenham a oportunidade de florescer. As nossas identidades religiosas têm claramente os dias contados. Saber se a nossa civilização não terá também ela os dias contados dependerá, em grande medida, do tempo que demorarmos a tomar consciência disto.